

A origem do preconceito

Daniela Fiorin Falco Pereira Manuel ⁽¹⁾; Marcus Vinícius Silva ⁽²⁾; Roselle Fernandes Torres de Oliveira ⁽³⁾

⁽¹⁾ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá; daniela.falco@gmail.com.br

⁽²⁾ Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá; immarck@icloud.com

⁽³⁾ Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá; rosellefto@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar as definições de preconceito através dos estudos de dois psicólogos: Gordon Allport e Albert Bandura, aprofundando-se no que diz respeito a qual momento o preconceito se instaura no indivíduo. Traçando um paralelo entre as teorias dos dois psicólogos e de acordo com estudos recentes no desenvolvimento infantil discute-se a respeito do tema, tendo em vista que seu início ocorre na terceira infância.

Palavras-chave: Preconceito, Pré-conceito, Terceira Infância, idade escolar, grupo de pares.

INTRODUÇÃO

Na psicologia, especificamente nos estudos da psicologia social, encontrou-se autores que exploram a definição de preconceito. O objetivo deste artigo é dissertar a respeito do momento em que o preconceito se instaura no indivíduo fazendo uma comparação entre dois autores.

Inicialmente será apresentada uma revisão bibliográfica, na perspectiva comportamental, tendo como base um autor clássico, Gordon Allport (1954) que abordou o tema preconceito há mais de cinquenta anos, e outro contemporâneo, Albert Bandura (2003), cuja principal sustentação é a de que os comportamentos podem ser aprendidos através da observação e modelação, e mostrará como o tema é abordado atualmente. O surgimento do preconceito no indivíduo de acordo com Papalia (2013, p.368), ocorre na idade escolar: “[...] a influência negativa do grupo de pares pode reforçar o preconceito: atitudes desfavoráveis em relação a membros de outros grupos diferentes, principalmente membros de determinados grupos raciais ou étnicos”.

1.1 Definição de preconceito segundo Allport

A teoria desenvolvida por Allport (1954) é considerada fundamental para o estudo do tema. Segundo o autor, o preconceito “é uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo” (ALLPORT, 1954/1962, p. 22, tradução livre).

A partir dessa perspectiva surgiram análises do preconceito baseando-se, principalmente, na ligação deste com a cognição social e assim sendo entendido como um evitamento impermutável sentido ou expressado a um grupo social ou a um indivíduo simplesmente por fazer parte do grupo (ALLPORT, 1954).

O comportamento de discriminar surge através do relacionamento entre grupos distintos e tem cinco graus de externalização: verbalização negativa, evitamento, discriminação, ataque físico e exterminação. Além disso, Allport, (1954) faz distinção entre os termos pré-conceito e preconceito. O primeiro diz respeito ao pré-julgamento concebido sobre determinado indivíduo e que, com a aproximação, pode ser revisto/desfeito. O segundo é a imutável capacidade de externar pensamentos hostis em relação à diferença de outro indivíduo.

Para Allport (1954) a categorização auxilia na velocidade do pensamento, portanto estereotipar os indivíduos de determinados grupos permite, de forma rápida e automática, distinguir características positivas ou negativas. Dessa forma os indivíduos colaboram com seus grupos e tendem a subjugar membros de outros grupos. Essa discriminação intergrupala justificaria o surgimento do preconceito. Considerar que, as características do grupo a que se faz parte, são melhor do que as do grupo ao qual não se pertence pode garantir uma identidade social positiva, pois os sentimentos seriam comuns aos dos demais indivíduos deste grupo.

Já o preconceito se instaura na dificuldade de aceitar as diferenças ou nos conflitos com valores rígidos (FISKE, 1998). “Tanto o preconceito quanto a discriminação são

relativamente automáticos, principalmente na infância. A autora ressalta que o preconceito é melhor preditor de discriminação do que os estereótipos” Galvão (2009), uma vez que os estereótipos são características atribuídas a um grupo para identificá-lo.

1.2 Definição de preconceito segundo Bandura

Como pontuado, as ideias de Allport (1954) dizem respeito ao ato hostil externalizado pela presença do preconceito no indivíduo. Já Bandura (2003) evidencia em seus estudos a relação do comportamento agressivo com a modelação: “[...] as principais fontes de estilos de comportamento agressivo na sociedade moderna são a agressão modelada e reforçada pela família, pela subcultura na qual vive o sujeito e os modelos simbólicos abundantemente fornecidos pelos meios de comunicação de massa, de modo especial a televisão” (BANDURA et al, 2008).

1.3 O momento em que surge o preconceito no indivíduo

Se para Albert Einstein “é mais fácil quebrar um átomo do que um preconceito”, Papalia (2006) nos sugere que o preconceito se dá quando as crianças saem do berço familiar e passam a frequentar a escola. Neste momento, “... na terceira infância, o grupo de pares surge de forma espontânea. Os grupos se formam entre crianças da mesma origem racial ou étnica e nível socioeconômico semelhante” (PAPALIA, 2013, p. 368).

Papalia (2013) também afirma que os grupos de amigos ajudam as crianças a desenvolverem habilidades sociais, permitindo que elas testem e adotem valores independentes dos aprendidos em família. Porém há os efeitos negativos destes relacionamentos: “[...] o incentivo à pressão e o reforço do preconceito em relação a membros de outros grupos...” (p. 368), já que para fazer parte de um determinado grupo a criança precisa adequar-se e aceitar seus valores e normas de comportamento. A influência desses pares ainda é mais forte quando existe incerteza por parte da criança e esta se sujeita aos padrões comportamentais e de obediência impostas por eles.

Quando Bandura (2003) expõe sua teoria social cognitiva e sua relação com a educação, refere à aprendizagem por observação ou imitação ocorrendo quando as respostas de uma pessoa, no caso, das crianças são influenciadas pela observação de outros, o que ele chama de modelo. Para o autor, através da observação do comportamento dos outros e de suas consequências, com contato indireto com o reforço, existem suas experiências já adquiridas no seio familiar. O lar que abomina qualquer tipo de preconceito necessariamente não excluiria a chance do filho, por modelação,

aprender comportamentos discriminatórios na escola, por exemplo. Conclui-se que não apenas o grupo de amigos, mas as vivências da criança são fatores constituintes do que conhecemos como preconceito e observa-se seu aparecimento na terceira infância.

Ao se refletir o que disse La Rosa (2003), a perspectiva social da aprendizagem relaciona-se através da reciprocidade entre ambiente, fatores pessoais e comportamento. Um depende do outro e os três fatores relacionam-se entre si.

Ainda em Bandura (2003) as crianças são indivíduos ativos de sua aprendizagem escolhendo os modelos para imitar. Dessa forma podem escolher ambos os pais, apenas um deles, um professor ou um amigo que admira ou qualquer combinação que seja influenciada pelas características do modelo e pelo ambiente. Tais características são escolhidas pela criança de acordo com seu ambiente. A imitação será advinda de um modelo que seja valorizado no seu contexto cultural seja por instinto natural, por identificação ao modelo imitado, por se sentir recompensada de alguma forma pela imitação, entre outros.

A teoria de Bandura reconhece a importância do pensamento no controle do comportamento.

Entende-se com este estudo prévio, que o indivíduo no período infantil tem a tendência a emitir comportamentos que estejam em conformidade com o grupo e esta conformidade lhe traz a satisfação e ao mesmo tempo a sensação de pertencimento. Por outro lado, o grupo também espera que a criança se comporte desta maneira, adequando-se às normas já existentes.

Tendo em vista a teoria social cognitiva de Bandura, pode-se afirmar que as pessoas são produtos e produtoras do ambiente em que vivem e atuam com a intencionalidade de que sua ação produza efeito no ambiente, sendo também por ele transformado.

Allport (1954) propôs a utilização de uma escala para avaliar o grau de preconceito e discriminação (pouco depois do Holocausto judeu e bem no calor das campanhas de igualdade civis nos Estados Unidos). A escala serviria para mensurar a intensidade de preconceito e discriminação contra algum grupo humano. Ele a apresentou junto com a Hipótese de Contato ou Teoria de Contato Intergrupo, para minimizar e remediar preconceitos e discriminação entre grupos. Os meios seriam estimular a interação pessoal, buscar status igual e objetivos comuns entre os grupos, fomentar a cooperação intergrupos, ter apoio de autoridades, leis e costumes.

Mesmo em épocas distintas, tanto Allport quanto Bandura elucidaram sobre o preconceito e observamos que ambos atribuem ao indivíduo a responsabilidade como produtor e produto do meio em que está

inserido. Além disso, está propenso a reagir emocionalmente diante de qualquer atitude relacionada ao preconceito. Já Papalia (2013) afirma que a criança é exposta - ao que se refere ao preconceito - primeiro no ambiente familiar e em seguida quando está em idade escolar e passa a interagir com outras crianças.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12^a. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das teorias estudadas acima, entendeu-se que o preconceito puro e simples surge no seio familiar ou na convivência com outras crianças pertencentes a grupos distintos, já na terceira infância, através da observação, imitação de modelos e com reprodução de comportamentos hostis e agressivos. Com o paralelo de ideias traçado um projeto será idealizado para se entender como a dinâmica dos endo e exogrupos funcionam, a fim de estudar detalhadamente o início das manifestações de cada tipo de preconceito nas crianças de acordo com a perspectiva comportamental da psicologia, e, dessa forma, contribuir para criação de estratégias na educação infantil para auxiliar crianças a distinguir e classificar atitudes de discriminação, fazendo com que entendam melhor o processo de categorizar, estimulando “pré-conceitos” considerando que o desenvolvimento cognitivo nesta etapa da vida passa por fortes alterações.

AGRADECIMENTOS

Em memória de Daniela Falco, amiga querida e entusiasta pela causa contra o preconceito.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

BANDURA, A. Modelação In: Bandura, Albert; Azzi Roberta Gurgel; Polydoro, Soely. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.123-146.

FISKE, S. T. Stereotyping, prejudice, and discrimination. In: Gilbert, D. T.; Fiske, S. T. & Lindzey, G. (Eds). **The handbook of social psychology**, v.2, New York: McGraw-Hill, 1998. p. 357-411.

GALVÃO, A. C. **Os muros invisíveis do preconceito**. Brasília: DF, 2009.

LA ROSA, J. **Psicologia e educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCR, 2003.